



Os sertões em movimento



SERTANISTAS, INDÍGENAS E ESCRAVIDÃO NA
BAHIA COLONIAL, 1651-1720



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
JERÔNIMO RODRIGUES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ROWENNA DOS SANTOS BRITO - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR
MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo - Presidente
Andréa de Azevedo Morégula
Antonia dos Reis Salustiano Evangelista
Cacá Gonçalves
Fernanda Viana Lima
Helena Costa
Jussara Tânia Silva Moreira
Lurdes Bertol Rocha
Maria Lícia Silva de Queiroz
Maria Luiza Silva Santos
Maurício Santana Moreau
Pedro Lopes Marinho
Sabrina Nascimento
Vitória Solange Coelho Ferreira
Wolney Gomes Almeida

Os sertões em movimento

SERTANISTAS, INDÍGENAS E ESCRAVIDÃO NA
BAHIA COLONIAL: 1651-1720

RAFAEL DOS SANTOS BARROS

Ilhéus-BA



Editora da UESC

2025

Copyright ©2025 by
RAFAEL DOS SANTOS BARROS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.
Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Deise Francis Krause

IMAGEM DE CAPA
Johann Moritz Rugendas

REVISÃO
Tikinet Edição Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B277 Barros, Rafael dos Santos
 Os sertões em movimento: sertanistas,
 indígenas e escravidão na Bahia colonial, 1651-
 1720 / Rafael dos Santos Barros. – Ilhéus, BA:
 Editus, 2025.
 271 p.: il.

 Referências: p. 235-247.
 Inclui glossário
 ISBN: 978-85-7455-593-5

1. Bahia – História – Período colonial,
1651- 1720. 2. Ilhéus (BA) – História. 3. Sertões
– Bahia. 4. Indígenas escravos. I. Título.

CDD 981.42

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5170
www.uesc.br/editora
secretaria.editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE

Agradecimentos



Este trabalho corresponde à tese de doutorado intitulada *Os sertões em movimento: sertanistas, indígenas e escravidão na Bahia colonial, 1651-1720*, defendida em outubro de 2021 no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Esta obra, transformada em livro, interessa-se pelos sertões da antiga Capitania de Ilhéus. Essa donataria, dada a sua localização geográfica, na costa da América portuguesa, foi pensada por grande parte dos historiadores que se dedicaram a estudar essa região como uma capitania que se desenvolveu exclusivamente no litoral, e cujas atividades econômicas – o cultivo de víveres para o abastecimento de Salvador e seu Recôncavo e a exploração madeireira – floresceram na costa atlântica. Seguindo essa lógica, para a Capitania de Ilhéus não seria possível pensar em sertão, afinal ela estava cravada do litoral. No entanto, no final do século XVII, presencia-se nessa capitania a itinerância por áreas distantes do litoral, caracterizadas nas fontes históricas do período como sertões da Costa do Mar. Esse processo foi arquitetado pela Coroa portuguesa com o objetivo de aumentar a fronteira territorial, incorporando os povos indígenas à sociedade envolvente, surgindo daí o interesse pelo tema dos sertões da Capitania de Ilhéus.

Esta obra tem como tema de estudos as expedições que adentraram o interior, partindo da Capitania de Ilhéus e das vilas do Recôncavo Baiano durante a segunda metade do século XVII e a primeira metade do XVIII, culminando no encontro das minas de Rio de Contas e de Jacobina, na

exploração do salitre, na escravização de inúmeros grupos indígenas e na abertura de vários caminhos, ligando o litoral ao interior. As possibilidades de reflexão que se pretendeu abrir com esta pesquisa não se encerraram nas guerras de conquista. Foi possível pensar também a legislação, a estrutura fundiária, as conexões com os rios e a paisagem dessa extensa área, além das vinculações dessa capitania com outras regiões, como as vilas de Jaguaripe, Maragogipe, do Recôncavo Baiano e de seus respectivos sertões.

Além disso, é possível percorrer as trajetórias de alguns sujeitos desse processo, apresentando os sertanistas que percorreram essa região e que se tornaram as autoridades locais, muitas vezes com força e privilégios para questionar as ações do rei, fazendo valer suas demandas em um universo controlado por quem possuía mais capacidade de reagrupar mão de obra armada sob seu comando.

Para a construção deste estudo, devo agradecer a uma infinidade de atores sociais. Essa parte dos trabalhos acadêmicos é um espaço importante das obras. Eu, particularmente, gosto de ler os agradecimentos das obras que consulto, pois neles se conhece um pouco da vida daqueles que os escreveram, entendemos seu universo de produção, suas angústias, seus sofrimentos e alegrias. Esses relatos nos animam e, sobretudo, nos fortalecem para seguir lutando.

Desde a graduação na Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), entre 2009 e 2012, venho me dedicando a pesquisar aspectos da história social da Capitania de Ilhéus. Nessa universidade tive o apoio de muitos professores e colegas, em especial – correndo o risco de esquecer alguns atores – destaco os professores Marcelo Dias, Jonas Boamorte, Flávio Gonçalves, Graciela Gonçalves e Janete Macêdo, entre tantos outros.

Para a confecção do texto original, tive a luxuosa orientação da professora Maria Hilda Baqueiro Paraíso e do professor Pablo Magalhães, pessoas especiais na minha trajetória acadêmica. Paraíso me acompanha há muitos anos, e o carinho e admiração que tenho por ela é muito grande. Ela é um dos expoentes da nova história indígena do Brasil e me ajudou em todas as esferas possíveis. Muito obrigado, professora. Pablo também foi orientado por Paraíso, e o conheci na minha banca de qualificação. Nunca o tinha visto antes. Depois do primeiro encontro, mesmo virtual, parecia que eu já o conhecia há muitos anos. Sujeito de uma inteligência diferenciada e de uma generosidade enorme, coisa rara na academia, depois dele minha tese ganhou novos rumos.

Em 2023, ingressei como aluno de pós-doutoramento na Uesc, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História, com aporte financeiro da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(Capes), supervisionado pelo professor Flávio Gonçalves, momento em que pude revisitar alguns conceitos históricos presentes na tese e construir este segundo livro, apresentando ao leitor uma obra atualizada.

Minha família foi de grande importância, e agradeço imensamente a todos. Nominalmente são muitos, então vou citar apenas alguns. Meu pai, Rafael Júnior, sua companheira Aline, minha irmã Edry, meu mano Emmanuel e seu pai Francisco contribuíram bastante ao receberem Jack e Daniel durante minhas peregrinações pela Bahia; meus avós, pelo carinho, meus tios e tias, cunhado, sogro, sogra e primos: cada um, com incentivos distintos, conseguiu elevar minha motivação ao máximo.

Agora irei destacar duas pessoas muito especiais: minha mãe, a senhora Adilza, e minha companheira Jack.

Jack me acompanha desde antes da graduação, há tanto tempo que já perdi a conta. Passamos por dificuldades juntos, por restrições que, ao nos lembrarmos delas, nos emocionamos. Mas triunfamos, juntos, dia a dia. Este trabalho só foi possível graças ao seu companheirismo, dedicação e amor. Muito obrigado, querida.

À senhora Adilza, meu muito obrigado. Mãe, professora e, nos verões, vendedora de doces e salgados. Tenho orgulho dessa guerreira. Construiu nossa casa na periferia de Itacaré vendendo salgados na alta estação. Temos satisfação de dizer isso! Nós, porque eu também participei dessa jornada, desde o início. Em 2007, quando saí de casa para estudar, prometi que voltaria como doutor. E cumpri a promessa! Mãe, pode dizer que seu filho é doutor.



Abreviaturas



ABN – Anais da Biblioteca Nacional.

AHU – Arquivo Histórico Ultramarino.

ANAIIS/APEB – Anais do Arquivo Público e do Museu do Estado da Bahia

ANRJ – Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia

ASCMS – Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Salvador

BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro BNP

DH – Documentos Históricos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

IANTT – Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo I

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro



Sumário



INTRODUÇÃO	13
As fontes	20
Estrutura dos capítulos	22

CAPÍTULO 1

ABERTURA DOS CAMINHOS NA BAHIA: VILAS, INDÍGENAS E SERTANISTAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVII	29
A formação de um mercado regional: a farinha de mandioca	37
A especialização de uma zona produtora	39
Do litoral para o sertão: a expansão para o interior da fronteira	46
O sertão tapuia	58

CAPÍTULO 2

A OUTRA BAHIA: DEVASSANDO E DESVENDANDO OS SERTÕES SEISCENTISTAS	73
Sertões, seus signos e significados	77
Minas de salitre: outra alternativa econômica	91

CAPÍTULO 3

OS SERTÕES: A BUSCA POR METAIS E PEDRAS PRECIOSAS	111
Enfim, o ouro! A riqueza que por tanto tempo se procurou	124

CAPÍTULO 4

TRATA-SE APENAS DE UMA QUESTÃO DE TERMINOLOGIA: INDÍGENAS ESCRAVIZADOS NA BAHIA COLONIAL	147
A escravidão indigenista na legislação colonial	147
Aldeias particulares e escravidão no Recôncavo Sul	157
Aldeias particulares nas Vilas de baixo	173

CAPÍTULO 5

ESTRATÉGIAS DE AGENCIAMENTO E ALIANÇAS ENTRE INDÍGENAS E SERTANISTAS	187
Aliados: discurso retórico ou realidade?	188
Assimilados, clientes, livres ou escravizados: em qual categoria se encaixavam os indígenas aliados?	197
Indígenas armados e a conquista dos quilombos	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	231
REFERÊNCIAS	235
GLOSSÁRIO	249
FONTES	251

